



A arte na educação: a utilização da pantomima no desenvolvimento do aluno

Art in education: the use of pantomime in student development

Maria José dos Santos Cunha
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Resumo

A arte, porque está ligada ao sentir e ao prazer, elementos que fazem parte da essência humana e se associa à capacidade de expressão e à liberdade criativa do homem, sempre estabeleceu uma forte aliança com ele, possibilitando-lhe canalizar, através dela, as suas energias produtivas. Não admira, portanto, que a educação e a arte possam encetar uma caminhada conjunta e comungar de objetivos comuns em prol da educação dos indivíduos, na medida em que esta união justifica uma melhor aprendizagem, uma vez que motiva uma mais firme articulação entre os conteúdos teóricos e práticos, entre as experiências de formação qualificante e as de formação experiencial. Foi seguindo estes pressupostos, nos quais acreditamos, que delineamos um projeto educativo, no qual a pantomima — também conhecida por mímica, uma forma de comunicação humana apenas através de gestos e de movimentos corporais e em cuja encenação o artista, que denominamos de mimo, usa uma pintura facial própria — teve especial destaque, no sentido de desenvolver a imaginação, a criatividade, a memória e a expressão corporal daqueles que nesse projeto participaram e se envolveram de forma intensa e próxima, até porque este modo de imitação e de demonstração dos pensamentos através de gestos e da expressão física exagerada, a arte de narrar com o corpo, pode assumir várias formas e estilos. Assentou este projeto, cujos objetivos são munir os alunos nele implicados de ferramentas que lhe permitam o desenvolvimento de competências e habilidades básicas importantes e no criar-lhes motivação que potencie todo o processo de ensino aprendizagem numa metodologia de projeto de aprendizagem, que se assume como uma metodologia de prática real, efetuada em função da programação e dos objetivos que se pretendem alcançar no processo de ensino/aprendizagem e que culminou com a possibilidade de poderem trabalhar a expressão facial, movimentos expressivos e apresentar algumas performances em espaços educativos.

Palavras chave: arte, educação, pantomima e desenvolvimento.

Abstract

Being linked to feeling and pleasure, elements that are part of the human essence, and being associated with man's capacity for expression and creative freedom, art has always established a strong alliance with him, enabling him to channel his productive energies through it. It is not surprising, therefore, that education and art can engage in a joint journey and share common objectives for the education of individuals, insofar as this union justifies a better learning, since it motivates a more firm articulation between theoretical and practical contents, between

qualifying training experiences and experiential training experiences. These assumptions, in which we believe, were the bases for our design of an educational project, in which pantomime, also known as mimicry – a form of human communication only through gestures and body movements and in whose performance the artist, whom we call mime, uses a specific facial painting – had a special emphasis, in the sense of developing imagination, creativity, memory and corporal expression of those who participated and were intensely and closely involved in this project, because this way of imitating and demonstrating thoughts through gestures and exaggerated physical expression, the art of narrating with the body, may take on various forms and styles. This project, whose objectives are to provide the students involved with tools that allow them to develop important basic skills and abilities, and to create motivation that fosters the whole teaching/learning process, was based on a methodology of learning project that is a real practice methodology, carried out according to the planning and the objectives intended to be attained in the teaching/learning process, and which culminated with the possibility of students to be able to work on facial expression, expressive movements and present some performances in educational settings.

Keywords: art, education, pantomime and development.

Introdução

A arte, porque está ligada ao sentir e ao prazer, elementos que fazem parte da essência humana e se associa à capacidade de expressão e à liberdade criativa do homem, sempre estabeleceu uma forte aliança com ele, possibilitando-lhe canalizar, através dela, as suas energias produtivas. Não admira, portanto, que a educação e a arte possam encetar uma caminhada conjunta e comungar de objetivos comuns em prol da educação dos indivíduos, na medida em que esta união justifica uma melhor aprendizagem, uma vez que motiva uma mais firme articulação entre os conteúdos teóricos e práticos, entre as experiências de formação qualificante e as de formação experiencial. Foi seguindo estes pressupostos, nos quais acreditamos, que delineamos um projeto educativo, cujos objetivos são munir os alunos, nele implicados, de ferramentas que lhe permitam o desenvolvimento de competências e habilidades básicas importantes e no criar-lhes motivação que potencie todo o processo de ensino aprendizagem numa metodologia de projeto de aprendizagem, que se assume como uma metodologia de prática real, efetuada em função da programação e dos objetivos que se pretendem alcançar

no processo de ensino/aprendizagem e permite verificar como os participantes no estudo aplicam os conhecimentos adquiridos nos conteúdos programáticos e como se desenvolvem e evoluem nas situações específicas de aula.

A pantomima: uma forma de expressão corporal

A arte, Foi durante o império romano (27 aC a 476 dC) que a mímica foi levada para Itália e, com o tempo, os romanos desenvolveram a sua própria técnica, incluindo a pantomima, forma de arte que conseguiu sobreviver, apesar de, com a queda do império romano, a igreja católica ter proibido a mímica e fechado os teatros. A pantomima é uma forma de comunicação humana, por meio de gestos e movimentos corporais, em cuja encenação o artista pinta o rosto de branco, inspirando-se na figura do *Pierrot*. Este teatro gestual, que é a pantomima, não faz uso da palavra e tudo se focaliza no uso de gestos, através da *mímica*. É a arte de narrar com o corpo, a arte objetiva da mímica e um excelente artifício para quem a pratica.

Uma boa interpretação desta forma de expressão possibilita passar para a plateia, através de gestos, todas as ações e mensagens que se pretendem transmitir, razão por que a pantomima é uma das artes que exige o máximo do artista para que este receba o máximo de retorno do público, ou seja, a atenção da plateia, para que a mensagem seja passada devidamente. Aliás, o impressionar da plateia só é possível devido à sua fácil assimilação e a uma boa execução. Na pantomima, a expressão facial é de extrema importância, uma vez que grande parte da mensagem será transmitida pelo rosto e este, porque não é um conjunto de partes, mas um todo, deve passar a emoção. E porque as expressões artísticas dão prazer e sentido à vida e afirmam que a partilha da criação artística pode fortalecer o “eu” de cada um e abrir, em simultâneo, o caminho para a aprendizagem de todos os tipos de saberes e destrezas, incluindo os mais racionais e formais da escolaridade (Trevarthen, 2008), nelas se inclui a pantomima, uma forma de expressão corporal, que utiliza o corpo como instrumento de comunicação do homem no mundo, que permite exprimir o pensamento e criar e se desenvolve em atitudes de confiança na forma como cada um se movimenta e desloca no espaço. Ferraz afirma mesmo que

(...) a possibilidade de apreender o estímulo para a aprendizagem através do seu próprio corpo, dos seus sentidos, de entrar em contato com a sua experiência corporal intensifica o processo de integração dos conteúdos relevantes para a estruturação do conhecimento e consequentemente para a aprendizagem” (2011: 70).

De facto, quando se trabalha a expressão corporal, esta produz, no dizer de Calazans (2003: 13),

(...) um processo de autoconhecimento e de criatividade por meio do qual cada indivíduo que nele se integra se pode preparar para estar mais bem situado face aos fenómenos intrínsecos e extrínsecos à natureza e transformações estruturais – vivenciadas no desenvolvimento da sociedade, numa vigorosa (re)construção do homem.

Esta reeducação do corpo vai, aos poucos, trazendo consigo a integração entre o que pensamos, sentimos e expressamos e possibilita redescobrirmo-nos. A expressão corporal como expressão artística, assume várias formas e estilos, sendo a mais conhecida a pantomima, forma de expressão corporal que, por ser bastante utilizada, é praticamente universal.

A pantomima no processo de ensino aprendizagem

Na atualidade as mudanças são imprevisíveis, profundas, generalizadas, ocorrem num ritmo veloz, são irreversíveis, fazem parte da nossa vida e abrangem todas as áreas da atividade humana. Não admira, portanto, que neste contexto, também a aprendizagem — processo através do qual o indivíduo sobrevive e evolui num mundo em constante transformação e que Nunes e Silveira (2009) afirmam que Vygotsky entendia como um processo de apropriação de conhecimentos, habilidades, signos, valores, que engloba o intercâmbio ativo do sujeito com o mundo cultural onde se está inserido — seja assunto central da sociedade. Para os mesmos autores, a aprendizagem é um processo no qual o indivíduo se apropria de conhecimentos e assim desenvolve costumes, táticas e valores, ou seja, vai adquirindo durante a vida informações que serão ampliadas através das suas vivências, o que justifica que a ação de aprender se construa em vários contextos, possa ocorrer numa ocasião formal ou informal, de forma natural ou esquematizada, ou seja, vai-se aprendendo constantemente durante a vida (Nunes & Silveira, 2009). Por sua vez, o sucesso de cada um depende não apenas da sua inteligência, empenhamento e espírito de trabalho, mas de muitos outros fatores como: as relações interpessoais, a capacidade de trabalho em grupo, a capacidade de ouvir e de se colocar na posição dos outros, assim como a capacidade de ouvir a própria consciência. Tendo em vista estas aquisições, a aprendizagem e a educação são, cada vez mais, entendidas como uma condição necessária, uma vez que no dizer de Ferreira (2007: 21), “indivíduo ou organização que descure os seus saberes, contenha a sua curiosidade e paralise as suas condutas, mantendo-se hoje como ontem e amanhã como hoje, está a pôr em perigo a sua sobrevivência e credibilidade”. E porque o homem no contexto atual — em que a vida é um processo contínuo de adaptação a situações novas e diferentes — tem, desde cedo, de alargar os horizontes da sua ação, o ensino tem de mudar e não se limitar apenas,

(...) à exposição teórica da matéria de que se trata, sintetizando conceitos, ideias, teorias ou doutrinas, ou esclarecendo e exemplificando a sua aplicação prática, mas serve também para desenvolver a mente do estudante, fomentando a sua habilidade para o raciocínio ou faculdades de relação, promovendo o seu espírito crítico e desenvolvendo a sua capacidade de síntese (Martín, 2010: 17).

Trata-se antes, de encaminhar para uma formação que proporcione, além do desenvolvimento das chamadas competências técnicas, um conjunto de competências transversais e sociais, que promovam no indivíduo: capacidades, qualidades pessoais, o sentido da

responsabilidade, a flexibilidade e a criatividade, ou seja, o desenvolvimento integral de si próprio e o torne aberto à mudança. Mudança que, no dizer de Escibano e Del Valle (2010: 135), “não significa rutura drástica com o que existia, trata-se simplesmente de completar a aquisição de conteúdos com o desenvolvimento de habilidades, capacidades e atitudes indispensáveis no mundo atual”, mas antes requer — tendo em vista um ensino de qualidade, capaz de atender às exigências da contemporaneidade, marcada pela multiculturalidade e complexidade — constante avanço científico e processos de permanente mudança, um esforço no ajudar a incentivar e motivar o aluno para as tarefas, permitindo, desta forma, que os produtos resultantes da aprendizagem vão ao encontro dos resultados por ele esperados. Mas porque o processo de ensino aprendizagem é hoje mais exigentes, não basta, por isso, colocar os conteúdos nas aulas. É também e sobretudo necessário, estimular a interatividade dos alunos tendo em vista o desenvolvimento de competências cognitivas, emocionais, sociais, instrumentais e outras — nos diferentes ciclos formativos — como preparação para que possam atuar de forma eficiente em todos os âmbitos da vida e isso consegue-se, em parte, recorrendo à arte, nas suas diversas formas, na medida em que pode proporcionar uma melhor adaptação às mudanças que se produzem na sociedade. Neste processo, o professor, como mediador da aprendizagem, deve conhecer a maneira como os seus alunos estabelecem relações, dão sentido e organizam os seus conhecimentos, ampliando assim sua prática pedagógica. Sendo o aluno ativo no seu processo de aprender, isto é, como sujeito que aprende não por imposição de métodos e de arranjos externos que desconsiderem a sua capacidade de produzir sentidos acerca da realidade, a aprendizagem, tal como referem Nunes e Silveira (2009: 18), “ocorre, sim, em função de um processo mediacional, de um intercâmbio entre sujeitos (professor/aluno e aluno/professor).” Assim sendo, o educador deve apresentar propostas claras, mas antes tem que analisar as seguintes questões: o que, quando e como ensinar e avaliar, com a finalidade de, a partir disso, poder planejar atividades de ensino para uma aprendizagem adequada e coesa com os seus objetivos.

O projeto de aprendizagem como opção metodológica

A arte, porque está ligada ao sentir e ao prazer, elementos que fazem parte da essência humana e se associa à capacidade. Um dos procedimentos mais úteis para quem se implica no âmbito das intervenções educativas é o projeto. Para o elaborar não existem normas rígidas, mas apenas instrumentos que ajudam a organizar as ideias, a precisar os objetivos e a concretizar as atividades específicas. No caso presente escolheu-se a metodologia de “projeto de aprendizagem”, que se assume como uma metodologia de prática real, efetuada em função da programação e dos objetivos que se pretendem alcançar no processo de ensino/aprendizagem. Para além disso — na medida em que procura evitar que a aprendizagem se torne algo passivo, puramente verbal e teórico e, por conseguinte, desinteressante; em que abre espaço à participação ativa, não apenas na conceção e elaboração dos projetos, mas

também na sua implementação e avaliação e, ainda, porque torna a aprendizagem ativa e significativa, dado ser um fazer real mais do que um mero assimilar — o projeto de aprendizagem é muito útil no desenvolvimento de competências e habilidades básicas importantes dos nele implicados.

Para que a aprendizagem se desenvolva da melhor forma, o aprender neste processo é o mais relevante, secundarizando-se o processo de ensino. Os alunos adquirirão uma postura diferente, capacitam-se para gerir inércias, mobilizarem parcerias e ultrapassarem dificuldades que, em princípio, os poderiam desviar dos seus reais objetivos, mas que com a experiência se convertem em energias incentivadoras e desafiantes das suas capacidades, sem nunca porém de parte a criatividade, elemento essencial num curso desta natureza. Além disso, ao conceberem, gerirem e avaliarem projetos, os alunos passam de consumidores a produtores de conhecimento. É que, tal como refere Justino (2010: 84), “mais do que aprender a fazer, as aprendizagens têm de orientar-se para o aprender a pensar”. Este aproximar da realidade, leva a que os alunos se sintam protagonistas e implicados e possam identificar o trabalho que desenvolveram com o trabalho que poderão vir a desenvolver no futuro. Assim, a primeira decisão a tomar foi questionar os alunos sobre o que sabiam sobre esta expressão artística que é a pantomima, tão pouco utilizada a nível pedagógico. De seguida, foi-lhes facultada uma breve introdução histórica, bem como as técnicas que tem por base, seguindo-se várias experiências coletivas, suportadas em diferentes temáticas, poemas, textos dramáticos, imagens ou trechos musicais, que motivassem o grupo no sentido criativo e explorativo. Após sentirmos que os receios se tinham dissipado e que se notava mais empenho e à vontade nas tarefas foi sugerido às turmas que de forma espontânea, constituíssem grupos de trabalho e delineassem uma performance que poderia culminar numa curta tragédia ou comédia. Na opinião de Sanches González (2010: 25),

Esta forma de constituição dos grupos apresenta a vantagem de proporcionar equipas com fraca conflitualidade, uma vez que, normalmente, os alunos escolhem agrupar-se com aqueles com quem sentem maior afinidade. Por outro lado, na medida em que são os próprios a constituírem-se como grupo, o nível de responsabilidade que assumem relativamente aos resultados é geralmente maior que nas restantes modalidades de constituição.

No final da apresentação de cada grupo, o coletivo verbalizava o conteúdo da performance apresentada, no sentido de avaliar se o grupo foi suficientemente expressivo e se a mensagem foi compreensível para todos e, com isso, decidir o que havia a melhorar, a acrescentar ou a retirar a nível facial e corporal.

Depois de todos terem passado pelo processo de avaliação construtivista e interacionista, foi escolhido o local e o público a quem era destinado o projeto. Cada grupo deveria, no dia e hora marcados, improvisar performances, de acordo com situações e as abordagens que o público, o espaço e o tempo proporcionassem.

Mas porque as intervenções que pretendam promover experiências formativas a partir dos conhecimentos proporcionados, devem também “cuidar dos critérios da sua avaliação, atendendo a que todos os passos neste processo proporcionem a necessária autonomia em qualquer aprendizagem e ainda a fortaleçam (Rué, 2009: 111), foi negociado com os alunos o sistema de avaliação. Assim cada grupo faria uma autoavaliação e, posteriormente, haveria uma heteroavaliação. No final, o docente daria a sua avaliação, tendo em conta estes pressupostos, bem como o *feed-back* recebido do público, através do entusiasmo e da adesão manifestada em relação às propostas.

Procurou-se, com a experiência, apostar numa educação mais ativa, libertadora, cooperativa e holística, que permitisse aos alunos do ensino superior: enfrentar algumas das dificuldades com que se irão debater futuramente na sua profissão, uma aproximação, convivência e cooperação com as pessoas e pensarem a aprendizagem como um crescimento e desenvolvimento contínuo, onde a troca com o meio e as comunidades, são uma constante que torna a educação mais viva. Por outro lado, pretendia-se que com o desenvolvimento do trabalho pudessem dar asas à sua imaginação e criatividade, de forma a cativarem os diferentes públicos, a sentirem-se mais motivados, porque implicados na experiência e vivência de coisas novas, na descoberta da sua própria corporalidade e expressividade e o prazer de trabalhar com o coletivo.

Conclusão

A educação dos indivíduos tem hoje um âmbito mais alargado, dado que estão em causa objetivos de aprendizagem globais onde se integram aprendizagens de competências transversais aos vários domínios da vida do indivíduo, desde académicas até competências de cidadania. Estamos, por isso, convictos de que atualmente o exercício de educar exige conhecimento, planeamento adequado e coerência e que esse exercício deve ser continuado e traduzir-se em experiências significativas, de modo a permitir uma melhor compreensão e construção de um conhecimento significativo, nomeadamente por parte do professor que deve envolver-se ativamente, procurando tomar decisões relativas a determinados aspetos, uma vez que o seu objetivo principal deve ser o de desenvolver todas as potencialidades dos seus alunos, que aspiram ser plenamente eles próprios em todos os domínios. Não admira, portanto, que com a finalidade de conseguir garantir aprendizagens mais eficazes e construir a transformação dos seus alunos, o professor aposte em processos e não apenas em produtos, em trajetos e não apenas em metas, que lhe permitam encontrar outras formas de organizar e viver o ensino e a aprendizagem e lance mão da arte nas suas diferentes formas, na medida em que esta lhe possibilita atingir os seus intentos, nomeadamente o de criar motivação nos alunos e isso facilita o processo de aprendizagem.

Referencias

- Calazans, J. (2003). Tempos de trabalho corporal com Angel Vianna. In Julieta Calazans, Jacyan Castilho & Simone Gomes (coords.). Dança e educação em movimento, pp. 11-179. São Paulo: Cortez.
- Escribano, A. & Del Valle, A. (coords.) (2010). El aprendizaje basado en problemas. Una propuesta metodológica en educación superior. Madrid: Narcea Ediciones.
- Ferraz, M. (coord.) (2011). Educação Expressiva: um Novo Paradigma Educativo. Lisboa: Tutitirév Editorial.
- Ferreira, P. T. (2007). Guia do animador na formação de adultos. Barcarena: Editorial Presença
- Justino, D. (2010). Difícil é educá-los. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Martín, I. Z. (2010). La lección magistral. In Maria Paz Sánchez González (coord.), Técnicas docentes y sistemas de evaluación en educación superior (pp. 17-22). Madrid: Narcea Ediciones.
- Nunes, A. I. B. L.; Silveira, R.N (2009). Psicologia da Educação e Dificuldades de Aprendizagem. Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos. Brasília: Liber Livro.
- Rué, J. (2009). El aprendizaje autónomo en educación superior. Madrid: Narcea Ediciones.
- Sánchez González, M. P. (coord.) (2010). Técnicas docentes y sistemas de evaluación en educación superior. Madrid: Narcea Ediciones
- Trevarthen, C. (2008). Valorizar a arte criativa na infância. In Infância na Europa, 14, 11-14.